

TATI BERNARDI

Depois a louca sou eu



Copyright © 2016 by Tati Bernardi

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Cleber Rafael Campos

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Thaís Totino Richter

Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bernardi, Tati

Depois a louca sou eu / Tati Bernardi ; — 1ª ed. — São Paulo :
Companhia das Letras, 2016.

ISBN 978-85-359-2657-6

1. Crônicas brasileiras 2. Relatos pessoais 1. Título.

16-00026

CDD-869.8

Índice para catálogo sistemático:

1. Crônicas autobiográficas : Literatura brasileira 869.8

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

DEPOIS A LOUCA SOU EU

Sempre que tenho uma crise de pânico, a fantasia mais maluca é a de que vou me desintegrar até deixar de existir. É como se no chão abrisse uma espécie de ralo e eu comesse a rodopiar antes de sumir no buraco. É como se eu fosse um saco de bolinhas de gude que alguém roubou e, na fuga, deixou cair. Na queda, o saco se abriu (parecia tão bem amarrado, mas era mambembe, caseiro, lacinho de bem-casado após dias esquecido numa bolsa de festa), e todas as bolinhas saíram em disparada pelo mundo, cada uma para um canto, até elas se tocarem de que não tinham vida suficiente para ir até o fim tão separadamente das outras bolinhas, para descansar em gritante imobilidade em bueiros, no meio do esgoto, no meio do que mandamos para debaixo do tapete. Milhares de fragmentos vergonhosos escondidos que, quando amarrados pelo medo, formavam um princípio de equilíbrio e boa intenção humana.

Escrevo para saber que tenho bordas, como um morto na cena do crime. Talvez escrever me salve diariamente de não enlouquecer de verdade e eu possa continuar mesclando estes dias em que ape-

nas pago contas e dou de comer à minha cachorra com outros em que escuto batimentos cardíacos tamborilando pelas paredes da casa enquanto tento em vão descolar a língua do céu da boca. Mas talvez eu sofra de ansiedade intensa justamente porque transformei uma ansiedade “o.k. pra mais” em personagem e piorei tudo. Será que dei vaidade a um mero prolapso da válvula mitral? O fato é que, quando comecei a escrever, foi para não me assustar tanto guardando tanto só para mim. Mas não é só isso.

Tem muita arrogância em se esfaquear em praça pública. Achar que suas veias e fezes e sangue importam a ponto de serem mostradas para alguém. Um amor materno por você mesmo, “já te contei do cocô do nenê?”. A plaquinha “olhem, estou cagado” tem muito de arte, de rir de você mesmo antes que alguém ria, de coragem, de cara pra bater.

Mas tem algo de pavoroso nisso, de perverso. Para aturar o monstro-criança que mora no meu estômago, toda hora eu faço um teatro macabro comigo: “vai lá, mostre o que sabe fazer, diga algum absurdo pra entreter esse jantar insuportável antes que eu me mate”. E lá vou eu, me expor até que todos estejam se divertindo muito com meus destemperos, empanturrados das minhas mazelas, enquanto eu preciso andar me apoiando em paredes, tão esvaziada e nua e com frio que só sobrou uma enxaqueca para me levar até em casa.

Quem tem muito medo de se desintegrar, sofre também de perseguições pretensiosas como “e se todos estiverem falando de mim?”. Daí o pânico. O pânico é essa interseção entre a certeza absoluta de que você não importa nada para o mundo e a certeza absoluta de que todos estão comentando o fato de você não importar nada para o mundo. Um medo do palco lotado, só que todos estão te assistindo pelas costas.

Uma vez fiz uma promessa. Eu havia me apaixonado por um homem casado e ele tinha, naquele dia, saído de casa “pra ficar

comigo”. Largou mulher desesperada, criança chorando, mãe ameaçando infartar, amigos indicando terapeutas para sua crise de meia-idade, e me ligou de um quarto de hotel no Rio de Janeiro e disse: “venha”. Eu fiz a mala mais rápida do mundo, comprei a passagem mais cara do mundo e entrei no avião, apesar da minha fobia imensa de qualquer deslocamento mais acentuado, sem me dar conta de que estava caindo granizo. As pedras esmurravam a janela. Eram quatro da tarde, mas parecia a madrugada mais madrugada do inverno mais invernal da Islândia. O piloto se desesperou com a violência da chuva “de lado” que estapeava a fuça do avião e resolveu que voltaríamos a Congonhas. Ao chegar lá, o avião arremeteu e foi tentar pousar em Campinas. A cena que nunca esquecerei: aeromoças de mãos dadas. Foi quando tive certeza: eu merecia morrer. Tinha separado aquele bom homem de sua família. As crianças choraram. Tinha separado outros bons homens de suas famílias ao longo de minha vida. As crianças choraram. Aquele avião estava praticamente vazio, sem mulheres grávidas, sem bebês, a única criança era um pré-adolescente marrento. Aquele avião iria cair. Ele estava cheio de velhas com cara de que tinham separado, ao longo de suas vidas, bons homens de suas famílias. As crianças certamente choraram. Aquele avião estava fadado ao insucesso. Programado para a queda. Tentei fazer o celular pegar, precisava dizer à minha mãe: “desculpa todas as vezes que te empurrei contra a parede, era amor também”. Precisava falar para o tiozinho voltar com a mulher porque, mesmo que agora nossa relação fosse a mais “verdadeira e infinita do universo”, acabaria em algumas semanas. As aeromoças continuavam de mãos dadas. As pessoas não choravam nem gritavam, algumas até liam revistas e cobravam o serviço de bordo. Tem gente que é fria até para morrer! Tem gente que acha que o importante é ser chique até na hora de explodir em meio a um vendaval. Que gente maravilhosa, essa. Eu já estava na oitava negociação com o meu intestino: “segura mais

um pouco, não quero morrer sozinha naquele banheiro minúsculo”, no vigésimo vômito que esperava para dali a pouco, com as palmas, as duas, unhas, com o cabelo preso em coque porque o suor frio da nuca tinha emaranhado tanto os fios que eu parecia ter sido eletrocutada.

Foi quando fechei os olhos e prometi: “se eu sobreviver, vou escrever um livro sobre o medo”.

Síndrome da fuga repentina

A praia Preta fica a menos de três horas de casa. Mas, como é Ano-Novo, a praia Preta pode ficar a mais de dez horas de casa. A praia Preta pode ficar a “não dá pra chegar em casa” de casa dependendo do dia e da hora que eu decida voltar. A praia Preta pode ficar a “quem teve essa ideia de merda?” dependendo da hora que eu decida ir. A praia Preta, tranquila, não badalada, não conhecida, dentro de um condomínio de casas familiares com labradores e bebês, no Litoral Norte de São Paulo, pode ficar a “sério que você vai pra Marte de triciclo trajando apenas sua carne viva?” de casa.

Se eu fosse realmente explicar (como se explicar não alimentasse ainda mais um ciclo que é apenas ansiedade e que piora quando alimentado), diria que pode acontecer muita chateação. Por exemplo, semana passada. A reunião era para durar “uma horinha”, mas durou duas. O percurso de Higienópolis até em casa era para durar vinte minutos, mas havia muito trânsito e durou mais de quarenta. Tudo isso atrasou muito um xixi programado desde a metade da reunião, e também impediu que eu ti-

rasse logo uma calça que estava me apertando muito. A soma de “segurar xixi” com “calça apertada” com “suar de muito calor” com “nervoso de não conseguir chegar logo em casa para fazer xixi e tirar logo a calça apertada e molhada de suor” me deu candidíase. A candidíase me deu dor lombar e enjojo. Fiquei um dia inteiro meio pra baixo, querendo deitar, os olhos ardendo. Cândida dá uma depressão. A sensação de que somos mais abertas do que gostaríamos. Agora me diz se eu não estivesse em casa, pertinho da minha chaleira, da minha cama, do Onofre em Casa, do meu ginecologista, do banheiro.

Por exemplo, semana retrasada. Eu comi o melhor polvo de todos os tempos. E, porque era o melhor polvo de todos os tempos, comi muito. Onze da noite, tive uma daquelas dores de barriga que dão calafrios e arrepios e você teria tempo de ler *Grande sertão: veredas* no banheiro caso tivesse alguma condição de ler algo em vez de ficar se contorcendo. Se abraçando como se dissesse o tempo todo para si mesmo: “eu estou aqui com você”. Agora me diz se eu não estivesse em casa, pertinho da minha chaleira, da minha cama, do Onofre em Casa, do meu gastroenterologista, do banheiro.

Por exemplo, mês passado. Eu briguei feio com uma das minhas melhores amigas. Um pouco porque ela mereceu, mas muito porque a verdade é que tenho um pouco de mania de perseguição. A verdade é que tenho muita mania de perseguição. E criei na cabeça uma história de que ela não estava sendo legal. Bastava eu dizer que estava triste, mas eu disse outras cinquenta e seis coisas que para mim queriam dizer: “estou triste” e para ela queriam dizer: “vou te foder, sua vaca” e para nós, depois, acabaram querendo dizer que sou maluca. E a gente brigou feio. E eu fiquei com muita gastrite e um pouco de labirintite e ninguém vem me dizer que não foi o fígado, porque fígado pode até não doer mas é quem dá tontura e é quem mais sofre quando a gente está so-

frendo. Aquilo que parece a boca do estômago, ninguém me tira da cabeça que é fígado. Isso, meu pai me ensinou. Agora me diz se eu não estivesse em casa, pertinho da minha chaleira, da minha cama, do Onofre em Casa, da minha analista, do banheiro.

Se eu fosse realmente explicar, diria que hoje mesmo eu tive uma daquelas enxaquecas insuportáveis que começam com dor no pescoço que começa com uma tensão típica dos dias em que terei enxaqueca. Fiquei muito enjoada e deitei no escuro com a cabeça para fora da cama, para alongar o pescoço. O que piorou a enxaqueca, porque acho que mandar mais sangue para um lugar que já me parecia inchado não foi bom negócio. Agora me diz se eu não estivesse em casa, pertinho. Você já entendeu. Essas coisas dão uma segurança, é isso que eu quero dizer.

Pode parecer papo de velha, e claro que a coisa piora com a idade. Mas eu já pensava essas coisas aos quinze anos. Eu sempre pensei essas coisas, desde que comecei a pensar coisas. Aos vinte viajei com um namorado para Ilhabela e ele estava realmente preocupado se no dia seguinte “ventaria mais ao norte”, ou algo parecido, para ele praticar kitesurf. “Olha bem pra minha cara”, eu queria dizer a ele. Eu estava preocupada se meus pais morreriam antes do Natal, mesmo ainda sendo eles muito jovens e saudáveis (e sendo ainda jovens e saudáveis até hoje). Estava preocupada se acordaria às quatro da manhã com um ataque intenso de pânico que inviabilizaria estar naquela pousada, namorar, tomar café, ter amigos, trabalhar, ser promovida, ser promovida de novo, ter um parto normal, ter mais um filho, ir passar o Natal na casa dos pais de um marido “x”, andar pelas ruas, fazer compras num supermercado, envelhecer na companhia de alguém, ter alguém próximo a mim no dia da minha morte, não sentir dor ao morrer, ter alguém que eu amasse muito e com quem pudesse ficar muito à vontade para gemer de dor e talvez estar meio suja e talvez pre-

cisar de ajuda para ir ao banheiro no dia que eu bem velhinha tivesse que morrer.

E ele preocupado com o vento de Ilhabela. Ele era bem bonito, mas realmente fiquei me perguntando de que me servia tudo aquilo. A pousada, o fato de ele ser bonito, a praia. A festa que haveria no dia seguinte, com todos aqueles “jovens” amigos dele, “você vai adorar”. Daí eu perguntava o que eles faziam da vida e ele não entendia por que eu perguntava isso. E daí se uma das meninas não trabalha, se um dos caras trabalha com o pai numa empresa em que o próprio pai não trabalha e muito menos o filho que trabalha com o pai? E daí que eram apenas jovens querendo curtir? Eu a noite inteira tentando ter um pouco de conversa de verdade com algum daqueles “jovens”. Queria perguntar a uma das meninas bêbadas amigas dele: “e você tem mais angústia em que hora do dia?”. Eu desistindo deles, talvez meio enjoada, trancada no banheiro, deitada no geladinho com as pernas em cima do bidê, algo como “parece o fim dos tempos, mas sou só eu querendo que a minha pressão volte”. Ele estava preocupado com o vento e me dizia o quanto eu ia adorar seus amigos.

Já está tudo combinado para o Ano-Novo na praia Preta. Cada um dos nove amigos paga quatro mil duzentos e quarenta reais. Nesse valor estão inclusos aluguel de uma casa enorme de frente para a praia, limpeza feita pelo caseiro por seis dias, almoço e jantar feitos pela mulher do caseiro por seis dias, e muitas bebidas alcoólicas que certamente vão acabar antes. Pensei em pedir um desconto porque não bebo. Mas ninguém gosta de dificuldade na hora de dividir uma conta. Nem eu. Prefiro pagar a mais a ficar com uma calculadora atrás dos outros. Mas, quando a bebida acabar no quarto dia e todo mundo for dar mais dinheiro, espero que tenham a decência de não me pedir. Porque não bebo. E talvez esse pensamento nem seja necessário, porque muito provavelmente no quarto dia já não estarei na casa.